

AS ALGEMAS E A ALMA: QUARENTA ANOS DE REFLEXÕES NOS LABIRINTOS DO CÁRCERE

Lirismo, Filosofia e Humanidade na Advocacia Criminal Carlos Pessoa de Aquino*

Dedicatória: À vida, que me ensinou a ouvir os silêncios. Ao Direito, que me revelou a dignidade escondida nas sombras. Ao cárcere, onde aprendi que até as grades têm histórias. E, sobretudo, a meu filho, Carlos Henrique Aquino, razão maior da minha caminhada e da esperança que nunca algemaram.

Prólogo: Carrego nos olhos a lembrança de corredores sombrios, portas pesadas que se fecham com estrondo, passos que ecoam como sentenças. Carrego no coração a memória das lágrimas contidas, das mãos trêmulas que me procuraram em busca não apenas de defesa, mas de consolo. Quando iniciei minha jornada na advocacia criminal, não imaginava que me tornaria um jardineiro de dores e esperanças. Entrei acreditando no Direito como ciência; hoje, sei que ele é também poesia. Porque, por mais que os códigos tentem aprisionar a vida em artigos, a vida sempre escorre pelas frestas da norma. Este capítulo não nasceu apenas de palavras: nasceu do peso das algemas que fotografei um dia, descansando sobre uma mesa fria. Um objeto simples, mas carregado de mundos. Naquele instante, compreendi que cada grilhão carrega uma história, e cada história merece um olhar humano. Quarenta anos depois, continuo caminhando pelos labirintos do cárcere. Não para justificar erros, mas para resgatar almas. Não para absolver culpas, mas para lembrar que, acima do crime, existe o homem. E, enquanto houver homens, haverá esperança. Este texto é um grito contido, um poema de aço e sangue, uma súplica para que nunca deixemos morrer a essência da advocacia: a defesa incondicional da dignidade humana. Epígrafe "A maior miséria do processo penal não é a do réu, mas a de quem perde a fé na justiça." — Francesco Carnelutti Introdução Segurei a fotografia com as mãos trêmulas, como quem segura um eco distante da própria vida. Algemas frias, inertes, abandonadas sobre uma mesa gasta no interior de um presídio. Para muitos, um objeto banal; para mim, a síntese de um drama humano que se repete há séculos. Não vejo apenas aço. Vejo história, vejo dor, vejo perguntas que ninguém ousa responder. Por quarenta anos, caminhei pelos corredores sombrios onde a liberdade é apenas uma lembrança, onde cada passo ressoa como um soluço de ferro. E, a cada encontro com essas correntes, sinto-me diante do mesmo dilema que afligiu Francesco Carnelutti quando confessou, em *As Misérias do Processo Penal*: "O homem é maior do que o crime que cometeu." Essa frase, simples e imensa, acompanhou-me em cada audiência, em cada visita ao cárcere, em cada conversa com mães que, no silêncio, imploravam por justiça e não por vingança. Capítulo I – As Imagens do Cárcere e as Dores Invisíveis Os ergástulos não são apenas paredes frias. São organismos vivos que respiram o hálito da desesperança. Em suas entranhas, acumulam-se sofreguidões, angústias, constrangimentos que se multiplicam com o passar das horas. Quando cruzo os portões de ferro, não carrego apenas a pasta com os autos do processo; carrego o peso das almas que clamam por um olhar humano. Vejo corpos algemados, mas é nos olhos que encontro a verdadeira prisão. São olhos que pedem não apenas liberdade física, mas um pouco de compreensão, um gesto de respeito, um fragmento de esperança.

Piero Calamandrei, em sua Elogio dos Juizes, lembrava que “a justiça sem piedade se converte em crueldade legalizada”. E quanta verdade há nisso! Pois os cárceres são muitas vezes arenas onde a justiça perde sua face humana e se transmuta em vingança institucionalizada. Capítulo II – O Advogado Criminalista Sensível: Uma Missão de Amor e Coragem Não escolhi a advocacia criminal por comodidade; escolhi-a porque nela pulsa a essência do humano. O criminalista é mais que um técnico; é um peregrino que atravessa desertos de dor, armado apenas com a palavra. Somos intérpretes do silêncio dos vencidos, defensores da dignidade quando tudo parece conspirar contra ela. Quantas vezes, ao sair do presídio, as portas se fecharam atrás de mim com um estrondo que ecoava na alma? Quantas noites passei em claro, remoendo injustiças, arquitetando defesas que não eram apenas jurídicas, mas existenciais? Ser advogado criminalista é viver com as feridas abertas dos outros. É carregar nos ombros a humilhação do cliente, a lágrima da mãe, a revolta do filho. É sentir que, por trás de cada crime, há uma história truncada, um destino ferido. E, mesmo quando todos apontam o dedo acusador, manter acesa a chama da esperança. Beccaria, no imortal Dos Delitos e das Penas, advertiu: “Não é o suplício que previne o crime, mas a certeza da justiça”. Essa justiça, no entanto, precisa ser temperada pelo amor, como o sal que impede a corrupção do espírito. Capítulo III – A Filosofia da Justiça e as Misérias do Sistema Penal O cárcere é o espelho da sociedade. Nele, vemos refletidas nossas falhas mais profundas: a desigualdade, a indiferença, a seletividade cruel. Garofalo, em sua Criminologia, dizia que a pena deveria ser um meio de defesa social, não um instrumento de vingança. Porém, o que vejo, nestes anos todos, é a persistência da vingança mascarada de legalidade. Como conciliar a fria letra da lei com o calor humano que pulsa em cada ser aprisionado? É nesse ponto que a advocacia criminal se torna sacerdócio. É preciso falar quando todos se calam, acreditar quando todos desconfiam, lutar quando todos desistiram. As algemas, mais do que prender pulsos, agrilhoam sonhos. E é aí que mora o maior desafio: resgatar a humanidade perdida nos escombros da culpa. Capítulo IV – As Algemas da Alma e a Esperança Restaurativa Olho para a fotografia das algemas e penso: quantos homens livres carregam correntes invisíveis? Quantas prisões não têm grades, mas estão erguidas no íntimo das pessoas? O cárcere físico é apenas um símbolo da prisão moral e social que sustenta uma engrenagem de exclusão. E nós, criminalistas sensíveis, sabemos que a luta não termina com a sentença, porque a sentença é apenas um ponto em uma linha de vida cheia de nós. Calamandrei dizia que “a esperança é a última defensora”. Eu acrescento: é também a última ré, julgada e condenada todos os dias. Mas, enquanto houver um advogado disposto a caminhar pelos labirintos sombrios do cárcere, haverá um raio de luz capaz de romper a treva. Capítulo V – A Dor Silenciosa das Famílias “Quando um homem é condenado, a pena recai sobre todos os que o amam.” — Reflexão minha Nunca esquecerei os olhos das mães. Olhos que não acusam nem defendem; apenas pedem: “Cuide dele por mim”. Nunca esquecerei as mãos trêmulas das esposas, segurando a minha como quem segura uma tábua em alto-mar. Nunca esquecerei o silêncio dos filhos, que não choram porque aprenderam cedo demais que lágrimas são inúteis. O cárcere não aprisiona só o réu. Aprisiona famílias inteiras. Aprisiona sonhos, projetos, histórias. E nós, advogados, somos também psicólogos improvisados, padres sem batina, irmãos de última hora. Levamos notícias, levamos esperança, levamos o que a sentença tentou matar: a fé na vida. Conclusão –

Entre Correntes e Horizontes Quarenta anos depois, ainda me pergunto por que continuo. Talvez porque, em cada olhar que encontro através das grades, reconheça um pouco de mim mesmo. Continuo porque acredito que, acima do crime, existe o homem. Porque sei que a justiça sem humanidade é apenas violência com toga. Sim, continuo acreditando que o homem é maior que o crime que cometeu. Continuo acreditando que a justiça sem amor é violência com toga. Continuo acreditando que as algemas, por mais frias que sejam, não podem algemar a esperança. Defendo homens, não crimes. Luto por vidas, não por absolvições vazias. Porque sei que, enquanto houver um advogado disposto a atravessar os corredores sombrios do cárcere, haverá uma centelha de luz. E quando olho novamente para aquela fotografia, vejo que as algemas são apenas ferro. Elas passarão. Mas a compaixão – esta é eterna. As algemas, frias e impassíveis, não sabem que um dia serão pó. Mas a compaixão, esta sim, atravessa os séculos. E é por ela que sigo, como um jardineiro de almas, semeando flores onde todos enxergam apenas pedras. Carnelutti, mais uma vez, sussurra-me ao ouvido: “A maior miséria do processo penal não é a do réu, mas a de quem perde a fé na justiça”. Que jamais eu a perca.

*Advogado, Professor da UFPB